

BRACARA AUGUSTA

A casa romana das Carvalheiras



Capa

Modelo 3D da casa das Carvalheiras na Fase II, *vista de noroeste

Edição

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Financiamento

Fundação Cultural Bracara Augusta e Projecto “Urbanitas”

Colaboração

Museu D. Diogo de Sousa

Autor

Manuela Martins

Restituição arquitectónica

Arquitecto Rui Coelho da Silva

Modelos 3D

Laboratório Multimédia da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Espelho

Museu D. Diogo de Sousa

Fotografias

Jaime Manso, Pedro Vasconcelos e Manuel Santos

Tratamento de imagens

Miguel Fonseca

Arranjo gráfico

Luís Cristóvam

(ISBN)

972-9382-11-5

Impressão

2000 exemplares

1.ª edição

Dezembro de 2000

Distribuição Gráfica

Litografia A. C.

A identificação do conjunto arqueológico das Carvalheiras ocorreu em 1983, na sequência de uma escavação realizada num terreno livre, situado a oeste da R. dos Marchantes, onde se previa construir uma escola e infra-estruturas desportivas.

A abertura de algumas sondagens na parte sudoeste do terreno viria a pôr de imediato a descoberto o cruzamento de duas ruas e muros bem conservados de duas habitações distintas. O interesse das ruínas levou ao prolongamento dos trabalhos durante o ano de 1984, tendo sido abandonado o projecto de construção da escola.

Várias campanhas de escavação, que se prolongaram até 1986, permitiram, entretanto, descobrir cerca de metade de uma habitação romana, ladeada de pórticos dispostos ao longo de duas ruas.

Recomeçadas em 1990, numa tentativa de definição dos limites da construção anteriormente descober-

Introdução

Perspectiva aérea da zona arqueológica das Carvalheiras no início das escavações





Sector escavado entre 1983 e 1986

ta, as escavações viriam a prolongar-se até ao ano de 1995. Ficou então totalmente delimitada uma unidade habitacional, circundada por quatro ruas, que ocupava a totalidade de um quarteirão residencial de *Bracara Augusta*. Nos limites das ruas descobertas desenhavam-se muros pertencentes a outras habitações e quarteirões.

Para além de constituir a única casa romana totalmente escavada até ao momento em Braga, a habitação das Carvalheiras revela-se como um admirável exemplar da arquitectura urbana privada, constituindo, simultaneamente, um

notável fragmento do urbanismo de *Bracara Augusta*. Com efeito, o módulo urbano identificado no quarteirão das Carvalheiras permitiu, em conjugação com outros elementos, definir a matriz do urbanismo da Braga romana e elaborar a primeira proposta de um traçado ortogonal para a cidade. Por sua vez, o estudo desta habitação forneceu indicadores do tipo de construção utilizado em diferentes épocas, pois foi objecto de várias remodelações ao longo dos cerca de quatro séculos da sua ocupação.

O conjunto arqueológico das Carvalheiras constitui um ponto de interesse essencial para o conhecimento do urbanismo e arquitectura privada romana da região norte-occidental da Península Ibérica.

O conjunto arqueológico das Carvalheiras localiza-se num terreno limitado, a este, pelas traseiras dos prédios que se distribuem ao longo da R. dos Marchantes - por onde se faz o acesso às ruínas - e, a norte, pelas traseiras das casas da R. Cruz de Pedra. A sul, o terreno está limitado por um alto muro de suporte que separa o tabuleiro onde se encontram as ruínas de um outro mais alto. A oeste, existe actualmente um campo de jogos, construído em 1989, depois de terem sido escavados os terrenos. Estas escavações não revelaram estruturas arqueológicas conservadas.

O terreno onde se localizam as ruínas das Carvalheiras nunca foi construído, uma vez que, após o seu abandono como área residencial da cidade romana, passou a ser usado como espaço agrícola. Tal facto justifica o razoável estado de conservação das estruturas aí descobertas.

O conjunto das Carvalheiras situa-se no sector noroeste de *Bracara*

Localização e inserção urbana

Panorâmica do sector oeste visto de norte





Inserção da *insula* das Carvalheiras na malha urbana de *Bracara Augusta*

Augusta, encontrando-se limitado, a este, pelo cardo máximo e, a sul, pelo decumano máximo. Estamos, assim, perante uma área habitacional que se situava perto da zona monumental da cidade romana. Essa zona está definida pelo *forum*, localizado na plataforma mais alta da cidade.

Constituído pela totalidade de uma habitação, rigorosamente limitada por quatro ruas e ocupando a área de uma *insula*, com um *actus* de área construída, o conjunto arqueológico das Carvalheiras oferece ainda vestígios de outras duas habitações desenhadas nos limites

do terreno a sul e oeste, infelizmente mal conservados. No limite norte da área escavada foi igualmente descoberto parte do pórtico sul de uma outra habitação, actualmente não visível.

A delimitação da casa das Carvalheiras, rodeada por outras construções similares, permitiu identificar um módulo construtivo urbano, definido por ruas perpendiculares. Esse módulo viria a ser confirmado noutros sectores da cidade, designadamente nos terrenos anexos ao Antigo Albergue Distrital e no Alto da Cidade, onde se ergue a construção mais antiga



Perspectiva da ruína oeste

conhecida até hoje em *Bracara Augusta*, datável dos inícios do século I.

A habitação das Carvalheiras representa, assim, um exemplo bem conservado do modo como se organizavam as áreas residenciais da cidade romana, oferecendo características urbanísticas e arquitectónicas, observadas também noutros locais de Braga. Entre essas características destacamos os pórticos que ladeiam as ruas e as numerosas lojas que se instalavam ao longo das fachadas, no piso térreo das casas. A abundância destas últimas nos lados sul e oeste

da casa das Carvalheiras demonstra que esta se situava numa área de intensa actividade comercial. Tal actividade poderia justificar-se pela proximidade da zona do *forum*, ao qual era possível aceder através da rua que ladeia a casa pelo lado este.



Armela de situla em bronze

Cronologia e evolução da Casa das Carvalheiras

As escavações realizadas na zona das Carvalheiras revelaram materiais datáveis da primeira metade do século I da nossa era. No entanto, os mais antigos vestígios de construções presentes no local não podem ser datados anteriormente ao último quartel desse século.

Podemos, assim, afirmar que a casa das Carvalheiras foi erguida na época flávia, ou seja, posteriormente ao ano 70 da nossa era, desconhecendo-se o tipo de construção que aí poderia ter existido anteriormente.

O primitivo conjunto residencial corresponde a uma casa de átrio (*atrium*) e peristilo (*peristylum*).

Objectos de adorno: pedra de anel e conta de colar



Projecto de excelente qualidade, a habitação revela uma cuidada adaptação às condicionantes topográficas do terreno e uma métrica rigorosa que obedece aos típicos cânones vitruvianos.

A habitação desenvolve-se em duas plataformas distintas que solucionam de um modo hábil o declive natural da vertente. O desnível entre os dois tabuleiros é marcado por uma parede interna. Esta separa a plataforma mais alta, onde se situa o átrio e compartimentos envolventes, à cota da rua e do pórtico sul, da plataforma mais baixa, que se desenvolve em torno do peristilo.

Se o desnível do terreno é compensado pela própria estrutura da casa, numa solução que certamente se repetirá noutras habitações congéneres, no exterior, ao nível dos pórticos e ruas, ele seria vencido por pequenos lances de escadas, documentadas na rua este.

Na primeira metade do século II, a casa da Carvalheiras sofreu uma

primeira reforma que afectou todo o seu lado oeste. Na origem desta reforma, que define uma segunda fase construtiva do conjunto habitacional, esteve a implantação de um balneário que irá ocupar o quadrante noroeste da primitiva habitação. Simultaneamente, toda a fachada oeste é remodelada, sendo mesmo sacrificado o pórtico e as lojas que anteriormente se desenhavam nesse lado da casa.

Estamos em crer que esta habitação sofreu outras reformas, ainda mal definidas, anteriormente aos finais do século III / inícios do IV, registando-se, então, uma profunda remodelação da estrutura.

Sabemos, entretanto, que a construção se manteve ocupada até aos finais do século IV, inícios do V, altura em que terá sido definitivamente abandonada.

O facto dos terrenos não terem sido posteriormente construídos, pois ficaram fora da cidade medieval, favoreceu a preservação do conjunto das ruínas que viriam a ser



recuperadas pela escavação. No entanto, tal como aconteceu noutros locais de Braga, muitos muros foram saqueados até à rocha, deles restando apenas as valas onde foram implantados. Esta situação revela-se mais frequente nos muros de boa qualidade, erguidos nos séculos I e II, cujo aparelho regular se adaptaria melhor a ser reutilizado pelos construtores medievais. Pelo contrário, os muros tardios, construídos nas reformas datadas do Baixo Império, estão melhor conservados, revelando mesmo alguns elementos arquitectónicos

associados às entradas dos compartimentos, designadamente as soleiras e as ombreiras.

Tais circunstâncias permitem que a fase tardia das Carvalheiras seja aquela que mais facilmente é compreensível ao visitante, revelando um conjunto de muros com alguma monumentalidade.

O primeiro projecto arquitectónico, que deixou evidências construtivas, data do último quartel do século I da nossa era. Trata-se de uma grande habitação que ocupa uma área de 1156m² (110x120 pés), dos cerca de 1367m² correspondentes à área total do quarteirão.

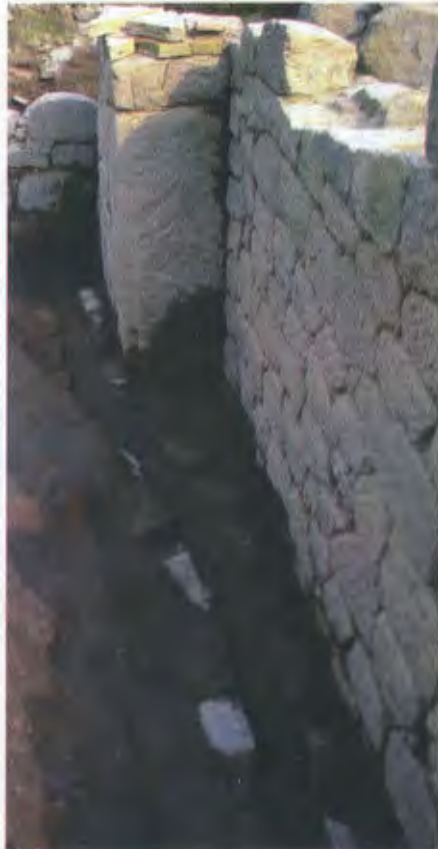
A casa desenvolve-se adaptada às condições morfológicas do local, desenhando-se em dois planos distintos, mas interligados, que definem, no seu conjunto, uma residência unifamiliar.

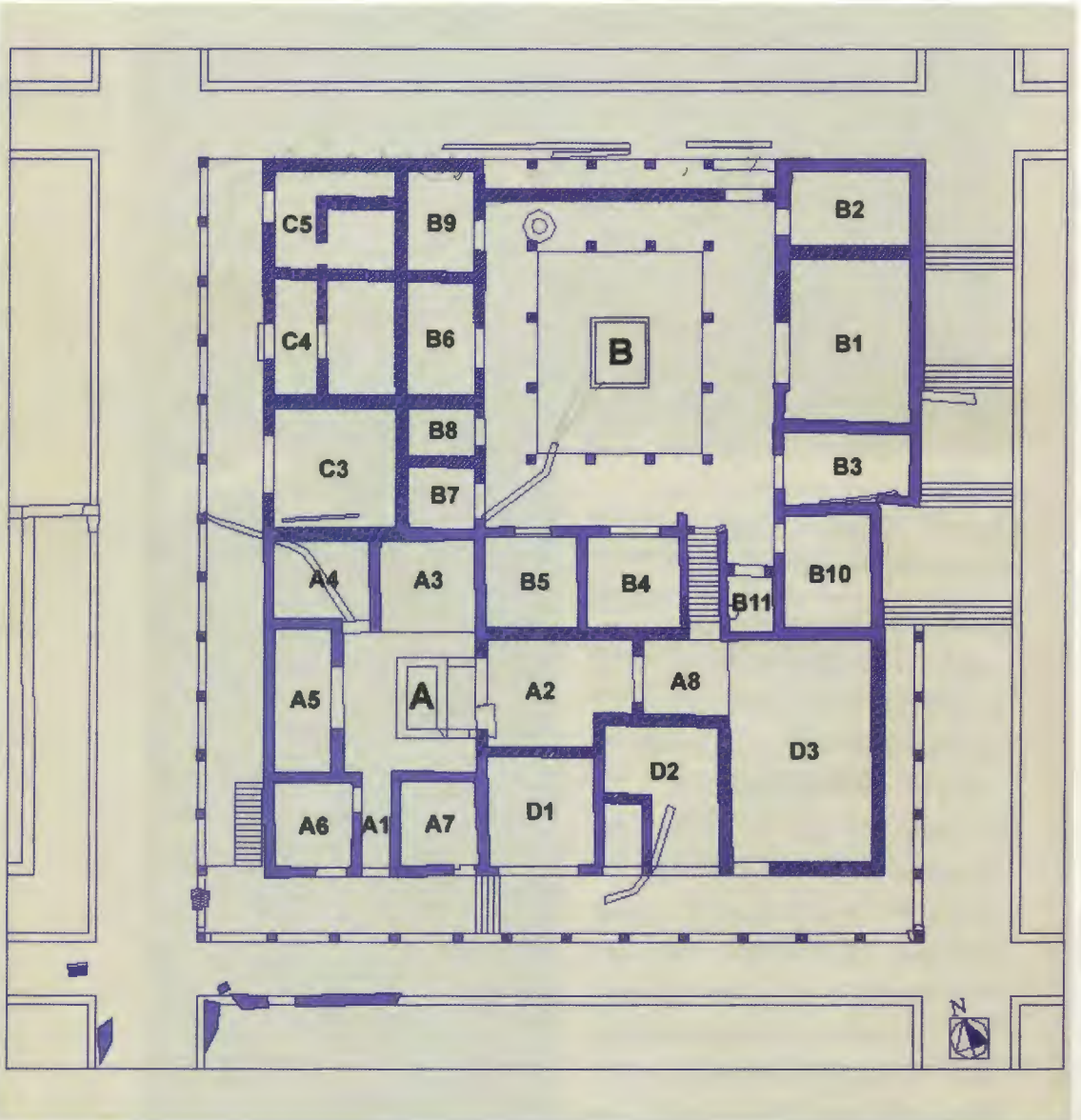
Estamos em presença de uma elegante construção de forma aproximadamente quadrada, que pode ser dividida em duas áreas funcionais diferenciadas, bem marcadas pelo desnível de cerca de 3m de altura entre a plataforma norte (mais baixa) e a plataforma sul (mais alta). Tal desnível foi resolvido através da construção de um muro interior, erguido aproximadamente a meio da habitação. Ambas as plataformas, que definem espaços funcionais autónomos, possuem

O primeiro projecto da Casa das Carvalheiras

Sistema construtivo

Pormenor de um dos compartimentos do sector este





Planta da casa das Carvalheiras na Fase I (finais do século I)

entradas próprias que assinalam bem a diferenciação, não só das áreas, como das actividades que aí se desenvolviam.

Esta casa revela uma boa qualidade técnica que é característica das construções de *Bracara Augusta* nesse período. Solidamente implantada no saibro, rasgado para assentamento de argamassa e cascalho grosso que definem as sapatas dos muros estruturais do edifício, a casa das Carvalheiras ergue-se como um volume sólido e estável, de paredes de granito. Estas mostram um aparelho coeso, no qual dominam os blocos quadrados e sub-retangulares, dispostos em fiadas horizontais, com ligante constituído por argamassa de saibro.

A espessura dos muros mais representativos oscila entre 45cm e 48cm nas paredes interiores (1,5 pés) e 51 e 56cm nas exteriores, valores que as aproximam da medida de 2 pés.

Bem documentados estão os silhares que suportavam as colunas,

quer nos pórticos exteriores, quer em volta do peristilo. Trata-se de blocos de granito predominantemente quadrados (45x45cm).

A habitação das Carvalheiras obedece a uma métrica rigorosa, verificando-se a utilização de dois módulos dominantes. O módulo de 10 pés (2,96m) caracteriza a estrutura dos pórticos exteriores, estando presente tanto na largura e altura dos mesmos, como no distanciamento entre os eixos das colunas. Por sua vez, o porticado do peristilo oferece uma modulação alternada de 10 e 12 pés, quer na altura, quer na profundidade, quer ainda entre os eixos das colunas que o compunham. Nos lados menores domina o módulo de 10 pés entre os eixos das colunas, enquanto nos lados maiores o módulo é de 12 pés.

Muito embora não tenha sido conservado qualquer vestígio de madeira, esse material deve ter sido abundantemente utilizado na construção, sendo certamente usado nos



Restituição 3D do pórtico sul na Fase I

telheiros, vigamentos e travamentos que sustentavam os telhados.

Dos pavimentos correspondentes aos espaços da casa nada se conservou. No entanto, pressupomos que alguns deveriam ser feitos com tijoleiras e outros, seguramente, com mosaico, tendo em conta a

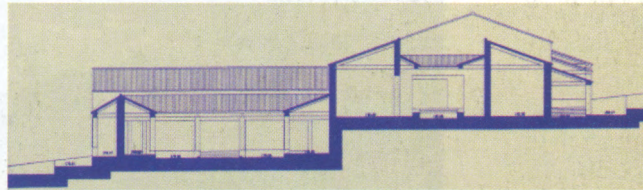
descoberta de vestígios dos mesmos noutras habitações romanas de Braga.

A casa das Carvalheiras era servida por duas entradas, uma a sul, com acesso directo ao átrio e salas envolventes e outra a norte, com entrada directa para o peristilo e compartimentos que se erguem em torno deste vasto espaço aberto.

A entrada sul dava acesso a um pequeno corredor (*fauces*) (A1), com 18 pés de comprimento (5,2m) por 5 pés de largura (1,5m). Este corredor comunicava ainda com um compartimento, situado a oeste, que sabemos corresponder a uma loja (A6), uma vez que possuía uma entrada directa pelo pórtico sul. Tratar-se-ia, muito possivelmente, de um espaço comercial explorado directamente pelo proprietário da casa.

O corredor formaliza a passagem para o interior de um átrio aberto (A), em torno do qual se desenvolvia um conjunto de compartimentos que, pelas suas características, definiria uma área preferencialmente usada pelo dono da casa nos seus negócios.

Estrutura e funcionalidade dos espaços



Corte N-S da casa na Fase I



Restituição 3D do *atrium* na Fase I

O átrio (A), implantado à cota de 182,2m possui uma área útil de 45m². Dispunha de um pequeno tanque, ou *impluvium*, lamentavelmente muito destruído. Com uma área estimada de 10m², dele se conservou apenas uma conduta, indicadora do escoamento das águas, bem como vestígios dos limites do mesmo. Este tanque recolheria a água das chuvas

através de uma abertura no telhado (*compluvium*), que permitia também o arejamento e iluminação desta área da casa.

A nascente do átrio desenha-se um amplo compartimento (A2), com uma área útil de 30m², interpretado como sala de estar, em jeito de *exedra*, o qual podia funcionar como espaço de apoio às actividades desenvolvidas no átrio.



Restituição 3D do peristilo na F150 I

A sala oposta à entrada (**A3**) possui uma área de 20m^2 , podendo ser interpretada como uma sala de recepção e estar (*tablinum*) aberta ao átrio por um amplo vão a toda a largura do compartimento. A sala anexa (**A4**), a poente, com 19m^2 , corresponderia a uma área de serviço de apoio aos negócios do proprietário, o mesmo podendo ser dito para o compartimento que se

desenha a oeste do átrio (**A5**), com 20m^2 de área útil.

A partir da sala **A2** podia-se aceder a um compartimento interior (**A8**), com $24,88\text{m}^2$, que se articula com o vão de escadas que dava acesso, pelo interior da casa, a uma outra área funcional, situada num plano inferior.

Aí se encontrava a parte mais nobre da habitação, onde se desenrola-

vam as actividades domésticas e a vida privada dos residentes. Esta zona era constituída por um conjunto de compartimentos estruturados em torno de um amplo espaço aberto, ajardinado, chamado peristilo, com 237m² de área útil, possivelmente com um tanque central envolvido por um pórtico colunado. Esta parte da residência, bem arejada e iluminada, era acessível a partir da rua norte por uma porta rasgada na fachada.

No lado este do peristilo desenha-se um conjunto de salas que presumimos ligadas às actividades de recepção e às refeições.

A sala de maiores dimensões (**B1**), virada a poente, com uma área de 51,6m², seria uma ampla sala de jantar (*triclinium*). Aí estariam colocados os canapés em torno de uma mesa, onde a família tomava as refeições.

Os compartimentos anexos a esta grande sala (**B2** e **B3**) serviriam de apoio à grande sala triclinar, gozan-

do igualmente de boa exposição solar. No mesmo alinhamento encontramos o compartimento (**B10**), com uma área útil de 24,6m², que presumimos corresponder a uma cozinha (*culina*) onde seriam preparadas as refeições e banquetes familiares. Anexo a este último espaço desenha-se um pequeno compartimento (**B11**), com 6,4m², que poderá ter funcionado como latrina.

Na parte sul do peristilo rasgam-se dois compartimentos (**B4** e **B5**), cada qual com 21m², que poderão corresponder a salas de recepção.

No lado poente encontramos um conjunto alinhado de compartimentos (**B6**, **B7**, **B8** e **B9**), expostos a nascente, com áreas relativamente modestas, possuindo os mais pequenos 7,4m² (**B8**) e 9,75m² (**B7**) de área e os maiores 16,2m² (**B9**) e 18,5m² (**B6**). Atendendo às dimensões destes espaços admitimos estar em presença de quartos de dormir (*cubicula*).



Poço em fase de escavação

No conjunto do peristilo merece destaque a existência de um poço que estaria integrado no pórtico norte, o qual persistiu como elemento importante da construção ao longo da sua ocupação. Trata-se de uma estrutura de cuidada alvenaria, cujo aparelho revela características típicas das construções da época flávia.

No exterior, a casa encontra-se limitada por ruas, cujas pendentes, entre os 2 e 3%, acompanham a morfologia do terreno.

Ladeando as ruas sul e oeste desenham-se eixos de circulação pedonal, porticados, com 10 pés de largura, que compensam os desníveis do terreno através de pequenos lances de escadas.

Um conjunto de lojas (*tabernae*), abre-se nas fachadas sul e oeste da casa, com acesso directo a partir dos respectivos pórticos.

Na fachada oeste encontramos uma sucessão de três compartimentos com função comercial (**C3**, **C4** e

C5). O compartimento **C3** corresponde a um espaço amplo com 35,1m² de área. Os compartimentos **C4** e **C5**, mais pequenos, com áreas úteis de 32 e 26,68m², respectivamente, oferecem a particularidade de possuir antecâmaras, muito embora se desconheça a sua funcionalidade específica.

Na fachada sul desenham-se cinco lojas de dimensões variáveis. Os compartimentos **A6** e **A7**, quase simétricos, encontram-se separados pelo corredor de entrada (**A1**), possuindo áreas de 16m² e 15,59m², respectivamente. Pouco sabemos do conjunto de compartimentos **D1**, **D2** e **D3**, considerando o estado de arrasamento dos muros deste sector da construção. O compartimento **D1** possuía uma área útil de 28,38m², sendo um espaço totalmente aberto, aparentemente sem porta. O compartimento **D2**, com 40,41m² de área, revela vestígios de um balcão e de uma canalização que drenava para o

pórtico. Atendendo às suas características admitimos estar em presença de um espaço de venda de comida ou *thermopolium*. O compartimento **D3** é o maior do conjunto de lojas da fachada sul, possuindo uma área útil de 79,41m².

No lado norte não foi reconhecida a existência de lojas. Tendo em conta os elementos disponíveis é possível admitir a existência de uma fachada recuada, encerrada por um pórtico, onde se localizaria a entrada norte da habitação, com acesso directo ao

peristilo. Acompanhando esta fachada, ao longo da rua, existe uma canalização que recolheria a água das chuvas, drenando para oeste.

A fachada este, que acusa um forte declive, vencido ao nível da rua por escadas, estaria definida por dois muros cegos. Na parte sul desta fachada poderia existir um estreito pórtico.

Modelo 3D da casa das Carvalheiras na Fase I



A reforma do século II

Instalação do balneário e alteração da fachada oeste

Sistema construtivo

Perspectiva do conjunto da área escavada:
em primeiro plano área do balneário



A casa das Carvalheiras foi remodelada na primeira metade do século II para instalação de um balneário, construído no quadrante noroeste. Para o efeito foram sacrificadas as lojas desse sector que se abriam ao pórtico oeste (C3, C4 e C5), bem como os *cubicula* que se localizavam a oeste do peristilo (B7, B8, B6 e B9), que se vê sacrificado na sua primitiva harmonia.

Esta obra implicou igualmente a remodelação de toda a fachada oeste, sendo certo que o anterior espaço do pórtico foi incorporado na construção, ampliando-se, assim, a área útil da casa.

A construção passa a estar definida, a oeste, por um conjunto de muros que estruturam a nova fachada, alinhada agora pelo limite do anterior pórtico.

Para além do balneário, serão acrescentados ao longo da fachada oeste três novos compartimentos (E8, E9 e E10), ligados entre si ao nível da cave e utilizados pelos residentes num piso superior.



Perspectiva do peristilo e área envolvente depois da implantação do balneário.

Uma das originalidades da intervenção nesta fachada resulta do facto de terem sido respeitadas as métricas e estruturas pré-existentes. Foi assim possível manter a estrutura de suporte das coberturas, reaproveitando-se os vigamentos.

O balneário irá ocupar praticamente um quarto da área da construção,

sendo definido por um conjunto de compartimentos frios e aquecidos, permitindo uma eficaz utilização dos banhos.

O conjunto da área aquecida do balneário encontra-se muito destruído, não se conservando restos significativos dos hipocaustos que formavam os subsolos do

caldário (*caldarium*) e do tepidário (*tepidarium*). Conservam-se apenas as marcas das tijoleiras que formavam a base do hipocausto, chamada *area*. Os níveis de demolição da estrutura forneceram, todavia, abundante material laterício, permitindo reconstituir algumas das características construtivas do balneário. Sabemos, assim, que os hipocaustos eram constituídos por *pilae*, pois foram encontradas várias tijoleiras, correspondentes aos colonelos que suportavam a *suspensura*, ou seja, o solo dos compartimentos aquecidos. A presença de tijoleiras chanfradas nesses mesmos níveis é, entretanto, sugestiva do sistema de cobertura dos compartimentos quentes, que se desenvolveria em abóbadas. Estas seriam posteriormente cobertas por telhado de duas águas. Por sua vez, a identificação de tijolos ocós, chamados *tubuli laterici*, nos níveis de destruição, permite-nos saber que, pelo menos, as paredes do caldário possuíam tubuluras, por onde circulava o ar quente.

Assim, na construção do balneário foi utilizada a tecnologia de aquecimento que se observa em qualquer estabelecimento termal romano da mesma época. As salas quentes possuíam um hipocausto, definido por colonelos (*pilae*) e aquecido a partir de uma fornalha (*praefurnium*), que se localizava numa pequena área de serviços a norte. Muito embora não se tenham conservado *in situ*, sabemos que os colonelos dos hipocaustos eram formados por tijolos sobrepostos, espaçados 45cm entre si.

Melhor conservados estão os pavimentos do frigidário (*frigidarium*) e do apoditério (*apodyterium*), que revelam um espesso solo de *opus signinum*.

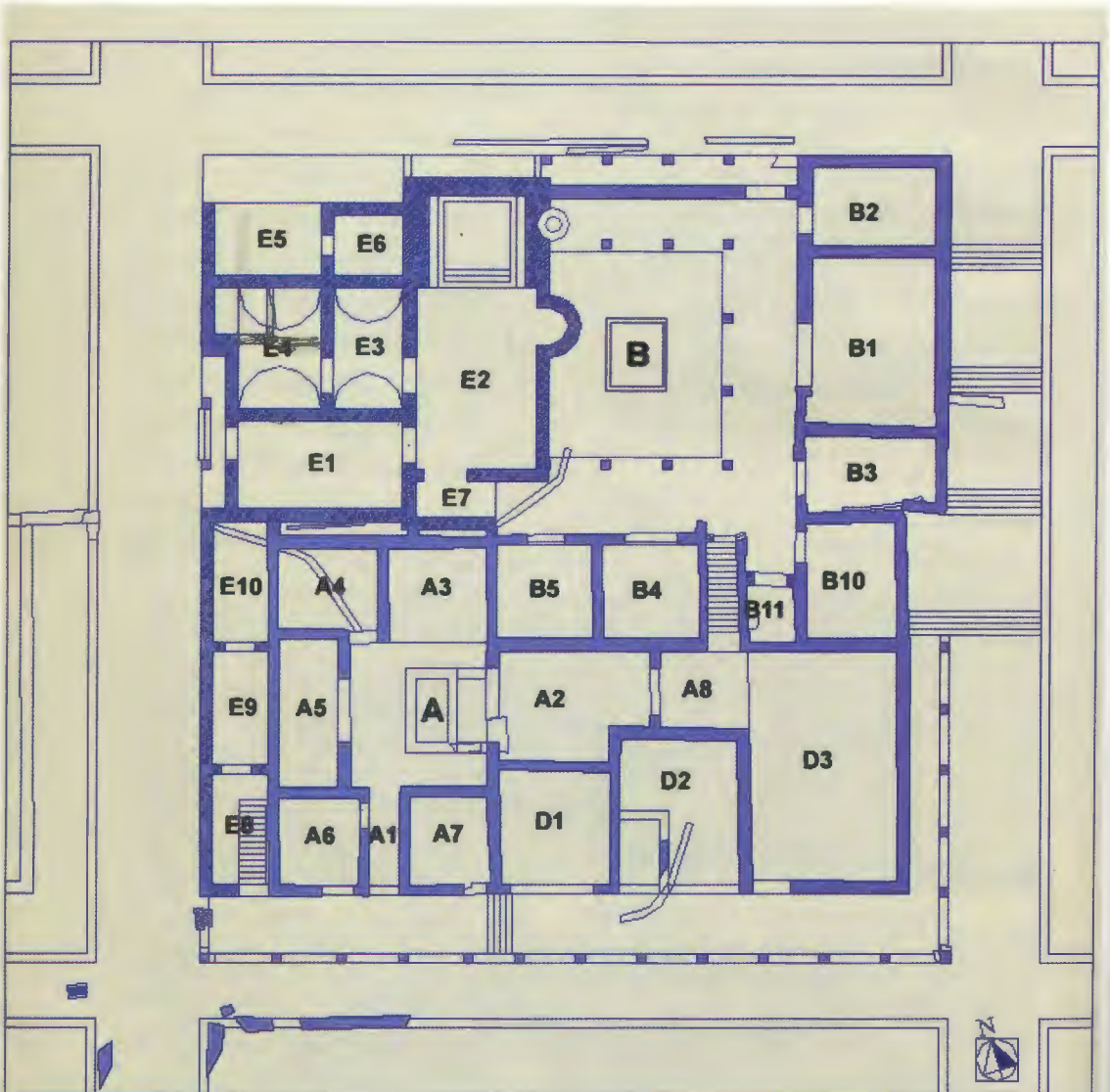
No frigidário foram identificadas duas banheiras. Uma, de forma quadrada, situa-se no topo norte do compartimento, revelando vestígios de degraus interiores e restos do pavimento de *opus signinum* de revestimento. Na parede este

recorta-se uma *exœdra*, onde se situava um pequeno *alveus*.

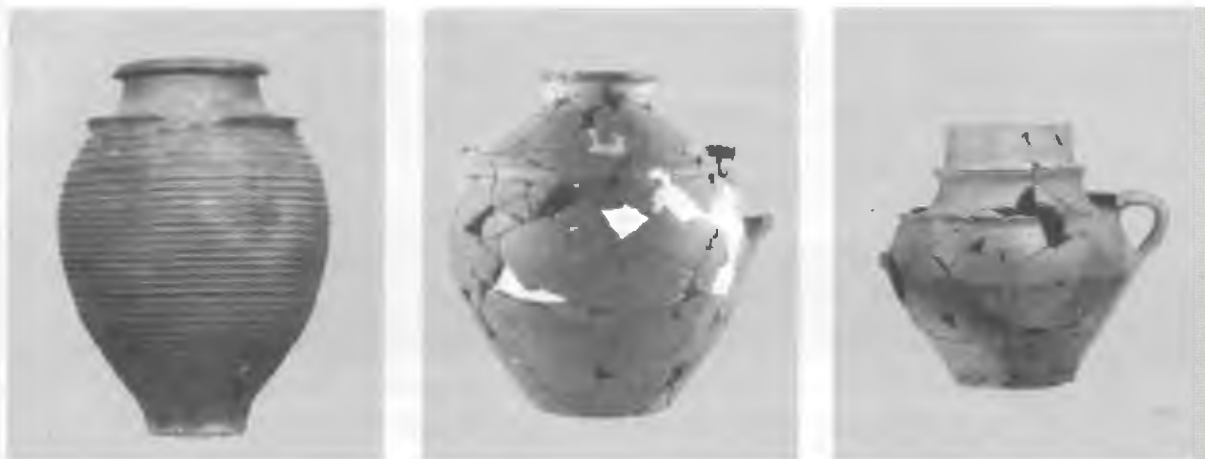
O granito foi o material usado na construção dos novos muros. No entanto, pode observar-se uma qualidade inferior dos paramentos desta época, excepção feita à parede este do frigidário, cujo aparelho revela uma articulação entre fiadas de blocos de granito e fiadas de tijoleiras dispostas na horizontal, formando uma composição cuidada.

Corte da estrutura com inserção do balneário Fase II (meados do séc. II)





Planta da casa das Carvalheiras na Fase II



Potes meleiros encontrados numa fossa detritiva

O balneário instalado no quadrante noroeste da casa ocupa uma área útil de 190m², apresentando-se como um bloco compacto de quatro salas que permitiam cumprir o circuito de banhos recomendado, sendo servido por duas pequenas áreas de apoio, localizadas a norte.

Um compartimento disposto no sentido E-O (E1), com uma área útil de 33,9m², e com um pavimento de *opus signinum* bem conservado, formaliza o que julgamos ser um *apodyterium* de entrada no balneário, a partir da rua. A funcionalidade deste espaço, enquanto comparti-

Estrutura e funcionalidade dos espaços

mento de entrada, é sugerida pela existência de um pódio de acesso ao compartimento, que nos surge monumentalizado por um pequeno pórtico recortado na nova fachada.

O compartimento E2, de forma rectangular e de orientação N-S, formaliza uma grande sala fria, ou *frigidarium*, com uma área útil de 78m². No topo sul desta sala define-se um pequeno compartimento (E7), com 6,65m², que, dando passagem

ao peristilo, pode ser interpretado como *hall* privado de acesso ao balneário para os residentes da casa.

Esta extensa sala fria, coberta por um solo de *opus signinum*, possui no topo norte uma pequena piscina com degraus, revestida também a *opus signinum*. A piscina possui uma área de 10m² e uma profundidade de 1m, tendo capacidade para 10 600 litros de água.

Modelo 3D da casa das Carvalheiras na Fase II





Restituição 3D da entrada oeste do balneário

Na parede este do frigidário desenha-se uma pequena *exedra*, onde existia um pequeno *alveus*. Uma reentrância no paramento externo desta parede integra o poço, já presente na fase anterior, a partir do qual poderiam ser alimentadas as duas piscinas do frigidário.

A poente do *frigidarium* dispõe-se um compartimento rectangular, orientado E-O, com uma área de 19,5m², classificado como *tepidarium* (E3).

O *caldarium* corresponde à sala poente (E4), com orientação N-S. Com uma área de 23,4m², este compartimento compreende um espaço de circulação e uma piscina de água quente, da qual se conser-

vou apenas o pavimento, ligeiramente sobre-elevado em relação ao solo do hipocausto. Esta piscina, com uma área de 5,8m², teria uma capacidade mínima de 3 500 litros de água e uma profundidade de 80cm.

Os espaços E5 e E6 estavam destinados aos serviços de apoio ao balneário. Na área E5 são ainda visíveis as lajes de granito que definiam a base de um *praefurnium* de canal externo que aquecia o caldário e o tepidário. Anexo ao espaço E5, define-se um outro (E6), com uma área de 9,5m², utilizado certamente para o arrumo de lenha.

Um dos aspectos interessantes, relacionados com a construção do

balneário, associa-se ao facto deste revestir um carácter misto, simultaneamente público e privado. Com efeito, as suas características e a disposição das suas salas sugerem que poderia ser tanto utilizado pelos residentes como alugado. Com

Elementos arquitectónicos da fase tardia:
ombreira e soleira



feito, os residentes tinham acesso ao frigidário a partir do pórtico sul do peristilo, entrando numa pequena antecâmara, definida pelo compartimento E7, que poderia servir como vestiário. Por sua vez, o compartimento frio E1, interpretado como apoditério, com uma entrada a partir da rua oeste, seria um vestiário de utilizadores estranhos à residência.

A reforma introduzida na fachada oeste da casa, resultante da implantação do balneário, determinou a ampliação do corpo da casa nesta zona e redefiniu a circulação e utilização dos compartimentos aí existentes. Assim, dispostos no sentido N-S, surgem-nos agora três novos compartimentos rectangulares (E8, E9 e E10), que se desenvolvem ao longo da rua.

O compartimento E8 possuía uma entrada pelo pórtico sul, dando acesso a um lanço de escadas que permitia a utilização deste espaço, com cerca de 15,52m². A partir deste, acedia-se a uma outra sala (E9), com 14,45m² de área útil, que,

por sua vez, permitia a entrada no compartimento E10.

Com a construção do balneário foi sacrificado o pórtico oeste do peristilo, ficando este reduzido a três pórticos, que continuam a dar acesso ao conjunto dos compartimentos envolventes, já definidos para a fase anterior. De qualquer modo, uma vez que os quartos foram sacrificados com a construção do balneário, presumimos que os mesmos se tenham deslocado para os compartimentos da ala sul (B4 e B5). Por outro lado, a habitação ganhou mais compartimentos sobre a área das lojas E8, E9 e E10, que poderiam ter sido igualmente utilizados como *cubicula*.

As remodelações tardias e a alteração da funcionalidade dos espaços

As características da casa, adquiridas com a instalação do balneário, em meados do século II, parecem manter-se até finais do século III / inícios do IV, altura em que ocorreram algumas significativas remodelações na estrutura. Estas encontram-se bem definidas, do ponto de vista construtivo, por um conjunto de muros que revelam um aparelho irregular e pouco cuidado. Os muros deste período encontram-se bem representados na área envolvente do peristilo, sobretudo nos lados este e sul. Também a fachada oeste voltou a ser remodelada, sendo de destacar, como aspecto marcante das reformas deste período, a invasão da rua oeste, que se torna agora mais estreita, sendo igualmente notória a construção de muros que começam a fugir aos alinhamentos anteriores.

Muito embora as remodelações ocorridas neste período não se encontrem ainda completamente esclarecidas, parece-nos indiscutível a preocupação em fechar os



compartimentos envolventes do peristilo com pesadas portas, conservando-se bem alguns dos elementos de arquitectura que definiam essas estruturas. Referimo-nos às soleiras dos compartimentos B1, B4 e B5, feitas de grandes blocos de granito, que revelam os rasgos para encaixe das portas e trancas verticais. Conservadas encontram-se igualmente várias ombreiras laterais, também elas constituídas por pesados elementos de granito, com encaixes para trancas horizontais.

As características das portadas dos compartimentos referidos, mais adequadas a lojas do que a compartimentos interiores de uma habitação, bem como a desafecção dos compartimentos B10 e B11, que foram inutilizados, sugerem-nos uma mudança na funcionalidade do espaço envolvente do peristilo.

Ânfora de origem oriental (Late Roman Amphora 3), datável entre finais do século IV e inícios do século VII

Admitindo-se a continuidade de utilização do balneário e as reformas referidas, julgamos que esta parte da habitação se transformou em área pública, ainda que mantendo a sua configuração original. Aparentemente, apenas a parte sul da casa terá continuado a ser utilizada com funções de residência, mantendo, também, as características herdadas do período anterior.

Tudo indica que o conjunto sofrerá algumas remodelações, ainda ao longo do século IV, que parecem articular-se com a desafecção progressiva de alguns espaços, como acontece, concretamente, com o compartimento B5, onde são depositados dois fustes de coluna, pertencentes ao pórtico do peristilo. Neste compartimento, dentro da vala de fundação do muro norte, na área correspondente à soleira, foram enterradas, em meados do século IV, cerca de 45 000 moedas de bronze, a maior parte das quais cunhadas no tempo do imperador Constantino.

O abandono definitivo da construção poderá ser situado entre finais do século IV, inícios do século V.



Fragmento de estátua equestre em bronze, encontrado nas escavações.

Alveus pequena piscina

Apodyterium sala das termas com função de vestiário

Atrium espaço central, descoberto, em torno do qual se dispunham várias divisões da casa.

Caldarium sala das termas, destinada a banhos quentes

Cubiculum quarto de dormir

Culina cozinha

Compluvium abertura no telhado do átrio, para arejamento, iluminação e recolha da água das chuvas

Domus vivenda

Exœdra sala de estar ou de recepção, ou recanto do jardim com banco

Fauces divisão que constituía a entrada na casa

- Frigidarium* sala das termas, onde se tomava o banho frio
- Hypocaustum* sistema de sustentação do pavimento das salas aquecidas por meio de pilares ou arcos de tijolos, o qual criava uma caixa de ar por onde circulava o ar quente
- Impluvium* tanque do átrio onde se recolhia a água da chuva que entrava por uma abertura no telhado
- Insula* quarteirão; prédio de rendimento dividido em apartamentos
- Opus signinum* argamassa feita de cal hidráulica, areia e tijolo moído, usada para pavimentos e impermeabilização de tanques e paredes
- Pé medida romana equivalente a cerca de 29cm
- Peristylum* espaço descoberto, rodeado de colunas, em torno do qual se dispunham as divisões da casa

- Pilae* pilares feitos de tijolos sobrepostos, usados nos hipocaustos das termas para suportar os pavimentos
- Praefurnium* fomalha para aquecimento do hipocausto
- Suspensura* pavimento suspenso suportado por pilares ou arcos
- Taberna* estabelecimento comercial ou artesanal; loja
- Tablinum* sala de recepção
- Tepidarium* sala tépida das termas
- Thermopolium* espaço onde se bebia e comia; bar
- Triclinium* sala de jantar
- Vitrúvio arquitecto e engenheiro romano do tempo de César e de Augusto; a sua obra chamada *De Architectura*, composta por 10 livros, constitui um importante e útil tratado sobre a arquitectura e a arte da engenharia romana





apolo **Silva Domingos, L.^{da}**
Braga